

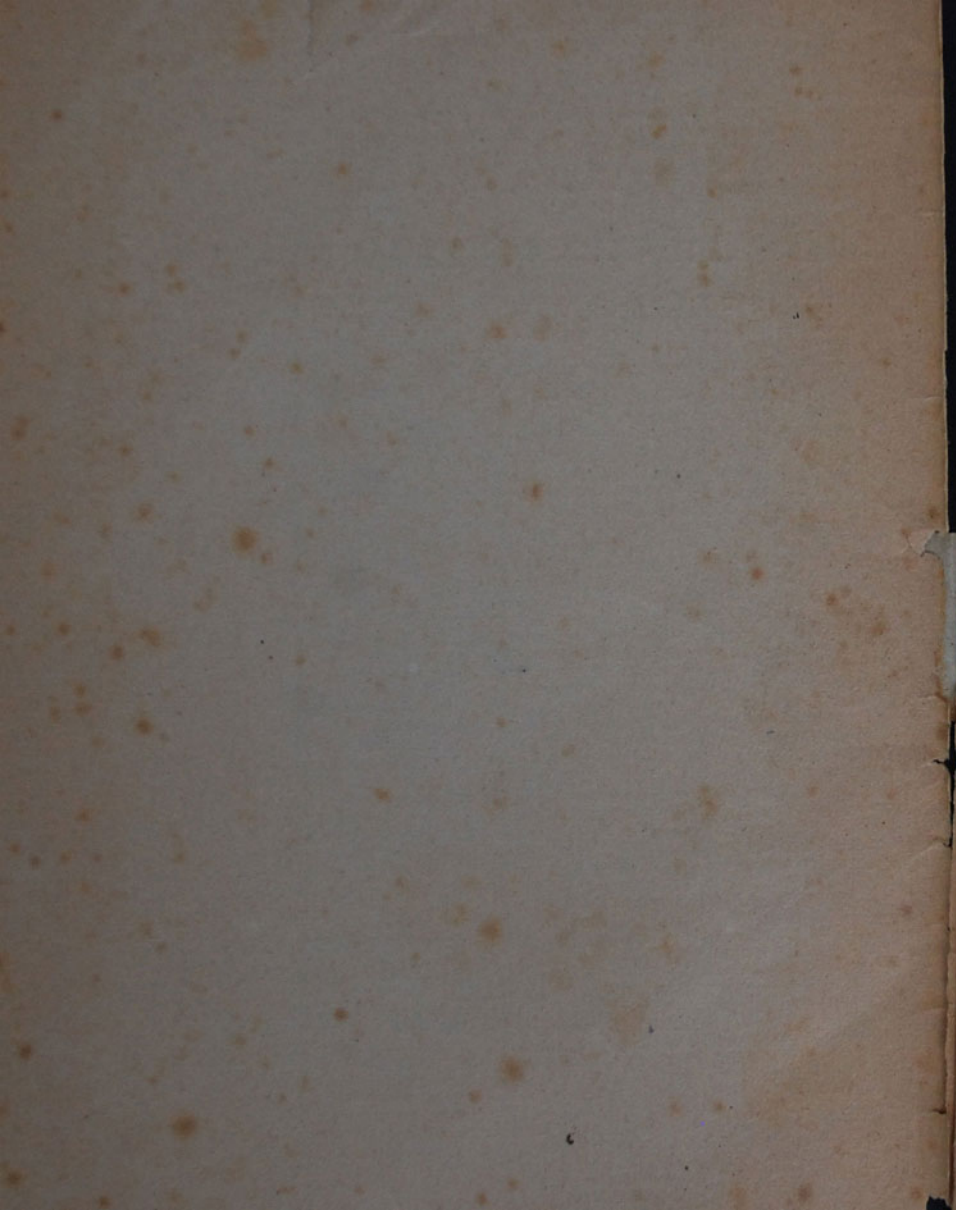
As ROSAS

□ Um acto em verso
de FERNANDO CAR-
VALHO MOURÃO □

icatoria
p.



LIVRARIA BRAZILEIRA DE
MONTEIRO & C.^a * * * *
190, RUA DO OURO, 192
* * * * * LISBOA, 1915



FERNANDO CARVALHO MOURÃO

A Fernando Pessoa

AS ROSAS

UM ACTO EM VERSO

Numa sincera admiração pelo seu
talento...

Numa humildade justa

off²

Carvalho Mourão

Livraria Brasileira de Monteiro & C.^a
190 - Rua do Ouro - 192
Lisboa - 1915

Em 23-5-915.

A Revolução Brasileira

Uma nova ordem social
para o Brasil
está sendo criada

[Faint signature]

TIP. J. F. PINHEIRO **
R. JARDIM DO REGEDOR,
39 E 41 *****

AO SENHOR

JULIO DANTAS

O AUTOR.



FIGURAS:

O prologo

O conde

A duquesa

O criado

A acção passa-se em França, por meados do seculo XVIII

PROLOGO

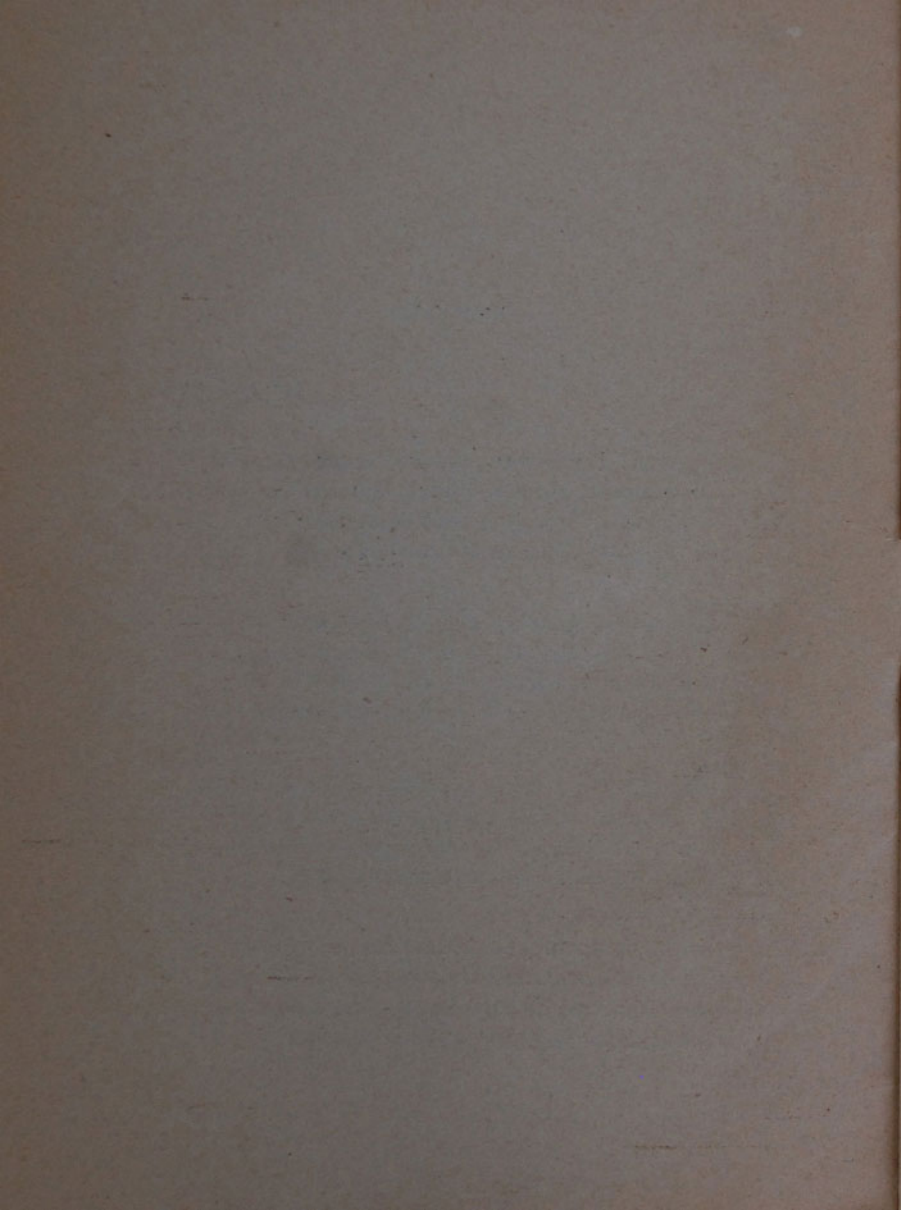
No proscênio.

As rosas ! E' talvez muito banal, a côr
Deste motivo ingénuo, frouxo, sem verdade :
A génese dum beijo, a historia dum amor !
O que é isto afinal senão banalidade ?

Mas quanta, quanta vez, as rosas, a sorrir
Por entre a subtileza em flôr do seu jardim
Nos dizem madrigais de sonho a refflorir
De beijos e de amor, de marmore e carmim !

Para um sonho de amor, as rosas, com franqueza,
São motivos banais, talvez, mas na verdade
Dumas rosas nasceu o amor duma duquesa . . .
. . . E nunca foi banal uma sinceridade !

Perdoai pois, se acaso uma côr mal lançada,
A frouxidão dum verso, emfim, vos fôr dizer
Que estas rosas de amor, sem concisão, sem nada,
Não valeram sequer, o gesto de as colher !



As rosas

O cenário representa o «boudoir» da duquesa. Portas á E A e D B. Uma «chaise-longue» e uma mesa redonda, sobre a qual se destaca uma jarra com rosas de todas as côres. Quando o pano sobe, a duquesa reclinada na «chaise-longue», lê algumas páginas duma obra antiga.

SCENA I

A Duquesa e depois o Criado

A duquesa (*lendo*):

A Vida é um sorriso... envolve o nosso olhar,
Infiltra-se na alma e... vive-se a sonhar!

(*Consigo*)

Dou-te razão poeta, os versos que escreveste
Quase m'os dedicaste, e não me conhecestes!...

(*Continuando a leitura*)

Nesse inconstante sonho, a alma, voando aos céus,
Deslumbra-nos o olhar na forma doutro Deus...

Como se um anjo infante as asas nos legasse

E, perdida no etéreo, a nossa alma voasse!...

(*Ouvem-se cinco toadas dum relógio sobre o fogão. A duquesa, terminando a leitura, chama o criado*).

A Vida !... Quanta dôr num coração se esconde !
 O amor ! Mas... o amor... quem sabe lá se o conde ? !
 Oh ! Não !... Enlouqueci ! A vida com certeza
 Sem amor não é vida !... (*suspira*) Ai !

O criado (*entrando*) :

Senhora duquesa !

A duquesa :

São cinco horas, Vicente, apronte o chá.

O criado :

Senhora,

Mandei-o preparar ha talvez meia hora ;
 Não deseja mais nada ?

A duquesa :

O conde, ainda não veio ?

O criado :

Chegou agora mesmo !

A duquesa :

E então ? Que fez ?

O criado :

Mandei-o

Entrar para o salão.

A duquesa :

Vá pedir-lhe, Vicente,

Que entre para esta sala... eu sinto-me doente !

O criado :

Sim, senhora duquesa. (*sai*).

A duquesa (*olhando em redor de si*) :

Oh ! Ceus ! .. Uma loucura !...

O conde... aqui?! Mas... não! (*pausa*) Enfim! Uma aventura!
 ... Tudo passa no mundo, e vai, nem sei para onde
 Sem nunca mais voltar! (*presentindo-o*) É ele !

O criado (*anunciando-o*):

O sr. conde!

SCENA II

A duquesa e o Conde

O conde (*beijando-lhe a mão*):

Oh! Senhora duquesa!

A duquesa:

Conde!... Resolvi

Que tomassemos chá no meu «boudoir». Aqui.
Pouco conforto?!

O conde:

Oh! Não!

A duquesa:

Uma leviandade!

Perdoe mais uma vez esta sinceridade!

O conde:

Está doente? A enxaquêca?...

A duquesa:

A enxaquêca outra vez!

O conde:

E' mudança de tempo!

A duquesa:

E' do tempo, talvez

O conde:

Ha de ficar melhor dentro de poucos dias.

A primavera, as flor's...

A duquesa (*embevecida*):

As minhas alegrias...

O conde:

Tudo lhe ha de sorrir! Os passeios no jardim,

As voltas pelo parque... Outra vida!

A duquesa (*sorrindo*):

Isso sim!

Sinto-me velha, conde, eu tenho trinta feitos!

O conde:

Nunca vi vinte só que fossem mais perfeitos,

Mais belos, com mais vida!

A duquesa (*num sorriso vaidoso*):

Oh! conde! Com franquesa ..

O conde:

Nunca foi tão formosa a senhora duquesa!

A duquesa:

O conde ha de ser sempre assim galanteador

Um D. Juan subtil...

O conde (*atalhando*):

Duquesa! Por favor...

A duquesa;

Lembro-me... Quando foi?... Ha dois anos? Não sei

Bem ao certo. Talvez?! Ah!... Quando enviuvei...

Do conde me dizer o mesmo exactamente:

«Nunca foi tão formosa!»

O conde (*ruborisado*):

Oh! Duquesa!

A duquesa:

Sómente

Lhe não liguei então a minima importancia!

Mas agora...

O conde (*ansioso*):

Ah! Agora?...

A duquesa:

E' menor a distancia,

E' preciso dizer apenas a verdade
Sou mulher, sou vaidosa...

O conde :

E então ?!

A duquesa :

Sinceridade !

O conde :

Apenas o que sinto. Admiro-a, então, que quer ?...

A vaidade subtil torna bela a mulher.

O anseio que ela tem por outra formosura

Dá-lhe ainda mais beleza ! E' como uma Ventura

Que passa numa Aurora a circunda-la. Um lume

Doutros beijos de amor. Ha como que um perfume

Que se embebe no olhar e que nos faz viver

Num poente doutra luz feita dum beijo a arder !

O criado (que entrara trazendo o chá) :

A senhora duquesa espera mais alguém ?

A duquesa :

Não ! Pode retirar-se.

(O conde deita o chá numa das chavenas que oferece á
duquesa).

Amavel !

O conde (deitando o assucar na chavena da duquesa) :

Basta ?

A duquesa (num sorriso de agradecimento) :

Bem !

(O criado sáí)

De que falámos hoje, conde, o que ha de sêr ?

Juvenal ?

O conde :

A poesia ! A arte na mulher ?

A duquesa :

A Primavera? A Vida?!

O conde :

A Natureza em flôr!

A duquesa (*olhando a jarra de rosas*):

As rosas desta jarra?!

O conde :

A génese do Amor!

(*Uma pausa*)

Estas rosas, duquesa! Alvas... amareladas
Como que a esmaecer... algumas encarnadas...

A duquesa :

São tão lindas, não são?

O conde :

São a historia do Amor!

(*Uma pausa, tirando da jarra uma rosa branca*)

Que pura ingenuidade a desta simples flôr!
Branca, inocente, fria, é como que o nascer
Dum luar quente de estio. O incerto alvorecer
Desse affecto tão puro e santo e tão sentido,
Que nos faz percorrer um mundo inesquecido
Num misterio indeciso e brando como o ar...

(*Pausa*)

E' o primeiro amor que aflora ao nosso olhar!

Vive dentro de nós como um receio suave

(*Dando a rosa á duquesa*)

Alvo como esta rosa e tímido como a ave!
Aspira-se um perfume, o dessa rosa, e a gente

(*A duquesa aspira o perfume da rosa*)

Vive num sonho, em Deus, comovedoramente!

A duquesa (*desfolhando languidamente a rosa*):

E' um amor que se sente e se não compreende!

O conde:

Mas o mais verdadeiro, o unico que acende

Uma paixão!

A duquesa:

Talvez! (*Outro tom*) Pomba que no ar esvoaça!

O conde:

Amor que o olhar troca e pelo olhar perpassa...

Aquele que eu senti quando uma vez olhei

A dona do meu sonho... aquela que eu amei!

(*Olha fixamente a duquesa. Depois de longa pausa*)

...Mas o amor prosegue, anima-se, produz

Dentro do nosso peito insaciado, a luz

Que ilumina melhor o olhar da nossa amante!

(*Procurando no ramo outra rosa*).

A côr branca esmaéce, o amor é mais vibrante!

Perde uma ingenuidade e torna-se senhor

Duma ansia mais forte. Esbate-se na côr

Desta rosa amarela. Amor que sonha e quer

Alguma coisa mais que o olhar duma mulher.

Amor insatisfeito, amor que anseia amor

E cria dentro em nós uma cruciante dôr

Se a dona desse olhar nos não compreendeu!

(*Pausa*)

...Amor que vive em Deus e torna azul o ceu!

(*Oferece a rosa á duquesa. Uma pausa*)

...Vôa por nós o tempo... e a ardencia desse amor

Vibra de colorido... e a rosa muda a côr...

(Procura uma outra rosa na jarra)

E' um fogo brando o amor então, e a rosa acêsa
Toma a côr sensual dos labios da duquesa!...

(Dando-lhe a rosa)

Rosa da côr do sonho!

A duquesa :

Ah! Como é linda!

O conde :

Assim!

A rosa côr do amor!

A duquesa (num sceptico embevecimento) :

Ha tantas no jardim!

(Uma pausa).

O conde :

Mas esse fogo ideal ateia-se no peito...

Aspira-se um desejo em lampejos desfeito

Duma luz divinal. Anseia-se mais luz!

Um laivo côr do sangue em latejos, produz

Dentro do nosso peito um frémito inconsciente!

(Tirando da jarra bruscamente uma rosa vermelha)

Rosa, rubra de amor, avermelhada, a gente

Vive para viver uma outra vida: A Alma!

Esse misterio longo e incerto em que a noss'alma

Busca numa outra alma a sua propria essencia

(Pausa, outro tom)

O amor como esta rosa... o amor por excelencia!

A duquesa (assustada) :

Basta! Conde! Por Deus! Não sei o que presinto!

O conde (resoluto) :

Senhora! E' esse amor que, ferveroso, eu sinto

A arder dentro do peito em haustos confundidos...
 Esse amor com que a vejo a arfar nos meus sentidos
 Num misterioso, etereo e unico desejo!...

(Lançando-se nos braços da duquesa)

Duquesa!

A duquesa :

Conde!

O conde (numa ansia) :

O amor! *(beija-a)*.

Tanta vida num beijo!

(Permanecem alguns instantes labios contactados. O relógio sobre o fogão dá as seis horas).

A duquesa (como que despertando dum sonho) :

A Vida, simplesmente, é tão banal, tão vã!...

O conde (indicando o relógio)

São seis horas, duquesa!

A duquesa (tristemente) :

E' verdade!

O conde :

Amanhã

A's cinco, voltarei!

A duquesa (numa indecisa alegria) :

A's cinco!

O conde :

Hei de voltar!

O chá, tomado aqui...

A duquesa (atalhando) :

Oh! Não!

O conde (proseguindo) :

O seu «boudoir»

Dá-lhe um outro sabor, mais doce e perfumado . . .

A duquesa :

Ch! conde, mas . . .

O conde (*numa requintada imposição*) :

Duquesa !

A duquesa (*vencida*) :

Aqui ?!

O conde (*depois de pausa*) :

Está combinado ?

(*Outra longa pausa. Beija-lhe a mão e cumprimenta-a seguidas vezes; á E A*)

O que me diz duquesa ? . . . As rosas são tão francas . . .

A duquesa (*baixando o olhar*) :

Era mais puro o amor se as rosas fossem brancas !

CAI O PANO

Lisboa, 1915.

Fernando Carvalho Mourão.

De CARVALHO MOURÃO :

Pétalas de Rosa – 1913 (exgotado).

As Rosas – 1915.

A sair :

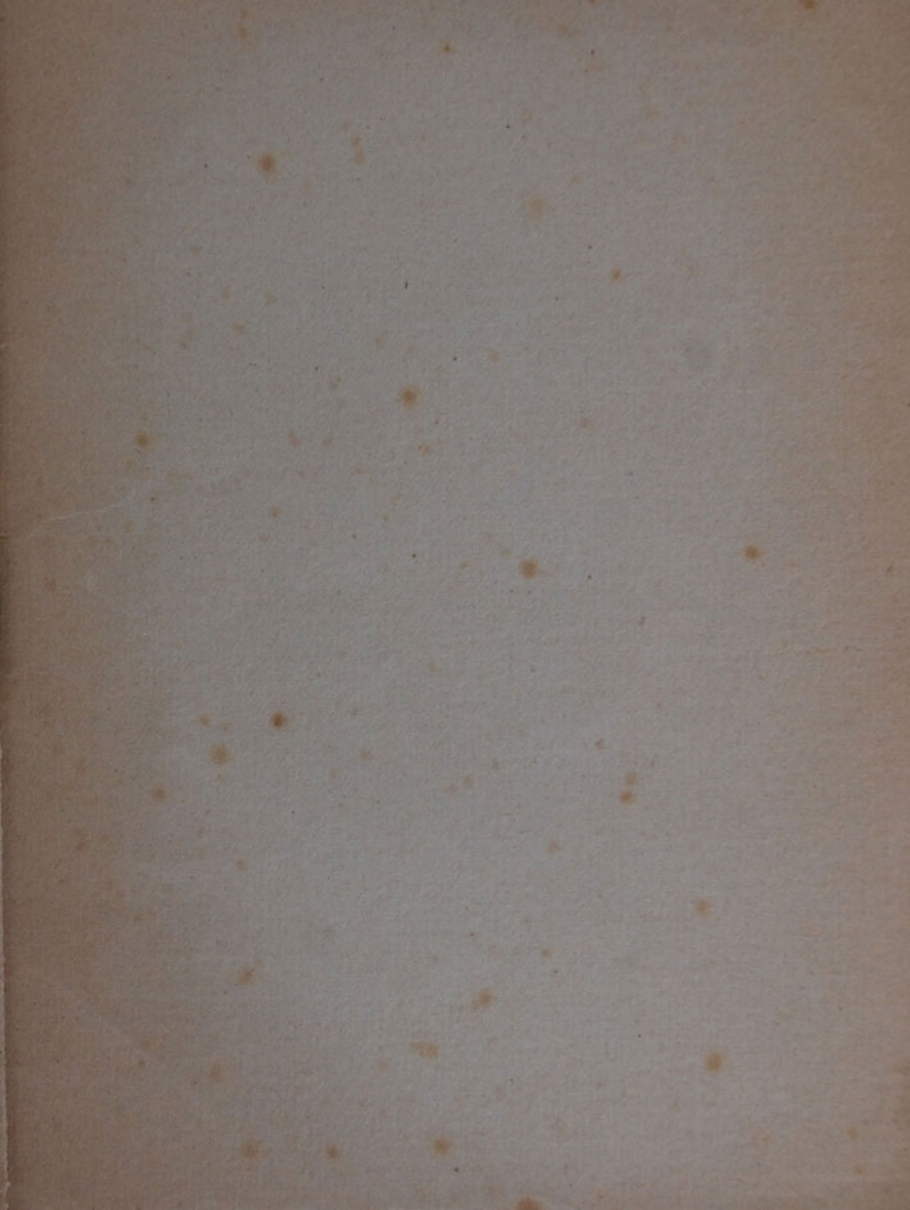
Alma em vôo – poesias.

Avé Marias – quadras de colaboração com LUIZ JOA-
QUIM PINTO.

Em preparação :

Sombra e Céu – prosas.

Alem-poente – poemas.



De
F

TIP. J. F. PINHEIRO **
R. JARDIM DO REGEDOR,
39 E 41 * * * * *